

HOMENAGEM

O GTRGP homenageia a psicóloga cofundadora, Ana Luisa Fagundes, que mesmo não estando mais presente entre nós continua iluminando nossas ações com sua ternura.

Lu, querida, ou simplesmente Aninha, como gostávamos de lhe chamar, devemos em grande parte a existência desse grupo a você que nos reuniu aqui. Você sempre estará conosco!

Ana Luísa Fagundes era graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2005) e Mestra em Psicologia Social pela Universidad de Granada (2010). Atuava nas áreas de psicologia social, psicologia clínica, políticas públicas, direitos humanos, saúde pública, saúde mental, gênero e violência.



SIGA O GTRGP

Blog

observatorio03mulheres.wordpress.com

Site do CRP-03

www.crp03.org.br/site/ ComissaoDHumanos GTRGP.aspx

Orkut

www.power.com/nav/powerkut/ Community?cmm=102921896

Twitter

twitter.com/gtrgp

Facebook

www.facebook.com/#!/profile.php?id=100002726248478

Endereço para correspondência

R Prof. Aristides Novis, 27, Federação, Salvador-Ba. CEP 40.210-630

Email

gtrgp@crp03.org.br



Comissão de Direitos Humanos

GT Relações de Gênero e Psicologia



GT RELAÇÕES DE GÊNERO E PSICOLOGIA

CRP-03

22/08/2011 10:56:26



GRUPO DE TRABALHO RELAÇÕES DE GÊNERO E PSICOLOGIA

Desde março de 2008, o Sistema Conselhos de Psicologia conta com um grupo de trabalho intitulado "Relações de Gênero e Psicologia" - GTRGP, criado dentro da Comissão de Direitos Humanos do CRP-03. Este grupo tem buscado promover discussões e desenvolver ações de modo a questionar, a partir de uma perspectiva feminista, as construções que envolvem a categoria "gênero" e entender como a Psicologia vem contribuindo para essencializar diferenças entre homens e mulheres e reforçar estigmas gendrados, assim como promover e dar visibilidade a acões que buscam mudar esta realidade.

Esse GT se articula permanentemente com os demais GTs e Comissões do CRP-03, buscando discutir essas interseccionalidades e desenvolver ações conjuntas.

A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR GÊNERO EM PSICOLOGIA¹

Que vivemos em uma sociedade ainda desigual, sabemos. Mas que essa desigualdade se manifesta em variadas formas sutis e repercute em uma violência cotidiana e silenciosa, a isto devemos estar atentos/as. Aqui queremos chamar atenção tanto para a violência de gênero que está presente em diversas ações do cotidiano, por exemplo, quando incentivamos as meninas a serem delicadas e os meninos a serem agressivos, como para aquela presente nas práticas de psicólogas/os ao fazer uso de explicações deterministas no campo da sexualidade e do desenvolvimento ou mesmo quando, ao fornecer laudos psicológicos, enquadram como patologia os comportamentos que "destoam da norma". Um exemplo disso é a utilização da classificação de "transtorno de identidade de gênero" constante no CID-10 e no DSM-IV para enquadrar adultos e crianças que não apresentam comportamentos considerados "naturais" a determinado sexo biológico.

É preciso chamar atenção também às formas mais agudas de violência, como os assassinatos de mulheres nas suas relações afetivas, os crimes de ódio contra Lésbicas Gays, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersex, e ainda o tráfico de pessoas e o alarmante número de morte de mulheres que praticam aborto: ambos prevalentes entre jovens negras.

A Psicologia como ciência e profissão preocupada com a promoção de direitos tem cada vez mais se aproximado das discussões de gênero para compreender o cerne de tais atos violentos e construir ações que considerem a desnaturalização das diferenças sexuais, visto que estas são construções sociais, históricas e culturais feitas sob regras de uma sociedade ainda patriarcal e heteronormativa.

Cabe à Psicologia no seu compromisso social com a categoria, a sociedade e com os direitos humanos, quando remeter às diferenças entre homens e mulheres, não permitir que esse campo de estudo e prática seja utilizado para sustentar a inferioridade das mulheres. Deverá, ao contrário, promover discursos que questionem a ordem dominante que oprime muitas mulheres, jovens, negras, a população LGBT, dentre outras categorias, identificando e desconstruindo práticas que sustentam o sexismo e funcionam como instrumentos de controle social.



¹ Fragmento de texto publicado no Jornal do CRP-03 (Jan/Abr 2011)